

## **CARVALHO, C. M. S. DE. CD-LETRAS. GÊNERO DISCURSIVO, PRÁTICAS DE LETRAMENTO E IDENTIDADES. UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, 2006, TESE DE DOUTORADO INÉDITA.**

*Resenhado por: Sandro Xavier*

Escrita por Christine Maria Soares de Carvalho, como requisito para obtenção do seu doutoramento, esta tese foi orientada pela prof<sup>a</sup> dr<sup>a</sup> Maria Izabel Magalhães, na Universidade de Brasília, no Programa de Pós-Graduação em Linguística.

Carvalho avalia práticas de letramento em um campo específico da educação, a saber, a prática do ensino em contexto virtual. “CD-Letras” refere-se ao projeto acadêmico “Letras, Textos e Outros Contos”, que criou um CD-ROM contendo material didático em sistema de tutoria com atendimento pela internet aos alunos. O CD conta com textos, imagens e sons que remetem ao ensino do português, composto por explicações gramaticais.

Em sua análise, Carvalho analisa o discurso apresentado no CD utilizando a Teoria Social do Discurso, proposta por Norman Fairclough. Nessa teoria, que afirma a relação da linguagem com as questões de poder e ideologia na sociedade, a linguagem é uma forma de prática social. Dessa forma, há um processo dialético entre a linguagem e a sociedade, o que implica dizer que a linguagem constrói a realidade social e, ao mesmo tempo, é determinada por ela. Sendo assim, a autora lembra que Fairclough não utiliza o termo linguagem, mas discurso, considerando que há várias maneiras de compreender o discurso como uma prática social. O discurso não se realiza somente através de fala ou de textos escritos, mas também por muitos outros aspectos semióticos.

Adotando o conceito de tecnologização do discurso, de Fairclough (2001), a autora comenta que surgem gêneros novos, caracterizando a linguagem de forma híbrida, com informações imagéticas, sonoras e também com uma mescla de linguagem escrita com aspectos da linguagem falada. A autora também considera, lançando mão da Teoria Social do Discurso, o discurso tecnológico como um instrumento de poder:

Considero as tecnologias discursivas como uma forma de poder, ou melhor, como instrumentos de policiamento e dominação das práticas discursivas, que podem ser aceitos, mudados, como também resistidos, rejeitados e/ou marginalizados em diversos contextos. (p. 15)

Para compreender mais a prática do discurso tecnológico com o objetivo educacional, Carvalho utiliza a Teoria Social do Letramento para investigar o letramento como uma prática social. Pelas práticas de leitura e escrita de determinada sociedade, pode-se obter pistas sobre sua organização. Pela aproximação com a Teoria Social do Discurso, compreende-se que esse processo também ajuda a moldar a sociedade e suas práticas.

Como metodologia, para a análise dos dados obtidos por meio de pesquisa qualitativa etnográfica realizada por trabalho de campo, a autora utiliza a proposta analítica de Chouliaraki e Fairclough: (1) focaliza sobre um problema social o qual tem um aspecto semiótico; (2) identifica obstáculos para serem enfrentados, por meio da análise de redes de práticas, relação de semioses com outros elementos e discursos; (3) considera se a rede de práticas ‘necessita’ do problema; (4) identifica maneiras possíveis de enfrentar os obstáculos; e (5) reflete criticamente sobre as análises (quadro na p. 36). Os dados coletados por Carvalho agrupam-se em material selecionado do CD-Letras, entrevistas com alunos, professores e elaboradores do CD, além das notas de campo e algumas fotos. A pesquisadora focalizou textos produzidos por alunos e as correções e observações feitas por professores.

Como gênero de discurso tecnológico, a serviço do ensino, o CD-Letras mostrou-se elemento construtor de novas formas de identidades para alunos que não tinham habilidade com o uso de computadores. Além de buscar o aprendizado da língua portuguesa, ainda era necessário superar o desconhecimento da linguagem tecnológica. Isso, segundo Carvalho, evidencia o poder e a exclusão nas relações sociais. A autora aponta, ainda, segundo seus dados, que muitos alunos tiveram que superar problemas sociais e financeiros para poderem participar do projeto, conforme mostra no relato a seguir:

...às vezes você nunca viu um computador você fica meio... aí a gente tinha que fazer os textos NE... aí a gente começou a... começou a... a aprimorar a digitação... (José Gomes – Entrevista 16)

...mas só é ruim que a gente já pensa em... em fazer tarde da noite e eu não tenho computador em casa... foi a maior dificuldade. (José Soares – Entrevista 11) (p. 87)

Com muitos dados para análise (textos dos alunos, mensagens de correio eletrônico, fotos e trechos do CD-Letras), Carvalho vai descortinando ao leitor e à leitora as dificuldades e as relações sociais que a utilização da tecnologia no ensino apresentam. Em alguns momentos, fica evidente o que a autora chama de antipatia pelo projeto (p. 107). Isso ocorre por causa da dificuldade em utilizar o computador, seja pela novidade da tecnologia, ou mes-

mo pela impossibilidade de acesso fácil à máquina. Essa prática, em vez de ajudar no objetivo, que era o enriquecimento do estudo da língua portuguesa, acabou por dificultar a empatia dos alunos com a disciplina.

Carvalho conclui que o CD-Letras caracteriza-se por um gênero discursivo híbrido, lançando mão de multissemioses, um recurso que, mesmo com o propósito de facilitar, acaba por legitimar as relações de poder, visto que evidencia a necessidade inegável da intimidade com o discurso tecnológico, o que, conforme a pesquisa mostra, não é prática comum entre os alunos.

O trabalho de Carvalho evidencia, por meio de seus estudos sobre gênero discursivo e letramento, uma relação de poder enraizada na sociedade tecnológica. Dessa forma, o projeto CD-Letras, com o objetivo de facilitar o ensino, mostrou-se eficaz na detecção da necessidade de superar ainda as demandas de conhecimento do uso de computadores. Esse conhecimento tecnológico é fundamental para que possamos usar desses recursos como ferramentas de ensino, seja no ensino de português ou quaisquer outras disciplinas.

Com sua tese, a pesquisadora traz uma contribuição aos educadores. Há muitos projetos que têm em seu conteúdo a utilização de ferramentas tecnológicas como facilitadoras do processo de ensino. Carvalho mostra que a relação não é tão simples e que o resultado pode ser o contrário. Caso os alunos demonstrem um afastamento da utilização de computadores, seja por não entenderem ou pela dificuldade no acesso, a antipatia pelo conteúdo a ser ensinado pode ocorrer. Isso indica que ainda se faz mister superar diferenças no acesso à tecnologia.